

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

64) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JULHO 21, 1838)



NINHO DO CHAPIM PENDULINO.

O ARTIFÍCIO e a sollicitude com que algumas aves fabricam seus ninhos é um dos mais curiosos factos da sua historia. Não ha por certo quem não tenha observado em alguma hora, com prazer e attenção, a industria e actividade das andorinhas no edificar os abrigos que destinam para a prole. Como são nossas hospedas em todos os verões, facil é observar o seu trabalho. Ha porém outras especies d'aves, que não desinvolvem menos pericia na construcção dos ninhos; mas que os occultam á vista dos homens, ou habitam climas differentes do nosso. Na gravura anteposta a este artigo se mostra um exemplo em o ninho d'uma ave pequenina, da familia dos chapins, conhecida em razão da sua industria pelo nome de chapim pendulino, [*parus pendulinus*], isto é, que faz o ninho suspenso. Usam estes passarinhos fabrica-lo do cotão das flores do salgueiro, do choupo, e de algumas plantas; com os bicos enlação com tanta arte esta substancia filamentosa, que formam um tecido compacto, semelhante a panno; e o fortificam pela parte de fóra com fibras e pequenas raizes, que entram pelo tecido, e são, para assim dizer-mos, o madeiramento da sua habitação. Com a mesma pennugem ou cotão o guarnecem pela parte interna, a fim de fazerem molle cama a seus filhinhos; tapam-no por cima para que estejam quentes; e penduram-no atado com uma fi-

VOL. II.

bra de canhamo, ou de urtiga, na bifurcação d'um raminho movediço, para que brandamente agitado pelo movimento do ramo flexível, lhes sirva como de berço, e os tenha a salvo dos ratos, dos lagartos, e cobras, e d'outros inimigos, que rojam pelo chão, e que assim nem podem chegar-lhe de baixo, nem, se tentassem trepar, suste-se no ramo. A porta desta engenhosa morada é uma pequena abertura feita n'uma ilharga, e sempre da banda da agua, porque é sempre á beira d'agua, que os pendulinos constrõem os ninhos, talvez porque se nutrem principalmente d'insectos aquateis.

Estas avesinhas habitam na Italia, na Austria, na Hungria, e até na Lithuania, e parte da Polonia. A gente simples dos campos as venera supersticiosamente; e tem para si que um ninho de pendulinos, suspenso na porta da choupana, a preserva de raios, e d'outros accidentes funestos.

## CISTERNAS ECONOMICAS.

O nosso paiz é um daquelles em que certos generos de cultura são impossiveis pela aridez do terreno e falta de fontes. A provincia do Alemtéjo, aliás fertilissima, offerece grande porção de territorio, onde



a custo se encontra agua para beber, quanto mais para regar hortas, pomares, ou prados. Se a essas charnecas aridas se podessem ministrar aguas de régua no estio, facil seria converte-las em veigas deleitosas, visto que para produzir toda a casta de fructos só falta a esse feracissimo solo a conveniente humidade. Radical remedio para semelhante falta fôra a abertura dos poços artesianos, que já recommendámos, e em que ainda tornaremos a fallar: mas nem todas as partes do reino, onde ha carencia de agua, serão proprias para semelhantes poços, nem nas possibilidades de muitos pequenos proprietarios caberá a feitura delles. Neste caso para remedear a falta d'aguas, o unico remedio é a construcção de depositos, onde as da chuva do inverno se recolham, e que substituam as fontes espontaneas, ou as fontes artificiaes dos poços artesianos.

Uma cisterna, construida como entre nós vulgarmente se costuma, é obra dispendiosissima; talvez mais do que a de abrir um bom poço; por isso encontra as mesmas difficuldades que acima apontámos; porém a industria humana achou meio de substituir ambas as cousas com outra casta de cisternas, cujo custo é mui pouco, e que se constroem com summa facilidade. São estas aquellas a que na ilha do Fayal, onde se inventaram, se dá o nome de *poços batidos*. — A sua origem foi a seguinte.

O territorio da freguezia do Capello, a 5 leguas da cidade da Horta, soffreu no anno de 1762 continuos e violentos terremotos, apoz os quaes houve uma erupção volcanica, que veio acabar de consumir o que os terremotos tinham arruinado. Ficou a terra cuberta de lavas, e toda cheia de largas rachas e barrocas, por onde parece que as aguas se derivaram e sumiram, tornando-se aquelle districto o mais arido de toda a ilha, e sendo os habitantes obrigados a irem buscar a agua para o gasto ordinario a uma e duas leguas de distancia das suas moradas.

N'uma povoação daquella freguezia chamada *O Norte*, observou certo homem que juncto á sua habitação, em uma cova em que costumava espojar-se uma cavalgadura que tinha, e que por isso estava no fundo muito calcada e batida, se conservou por todo o verão seguinte a agua, que alli se ajunctára durante o inverno. Moveu-o esta observação a fazer ultteriores experiencias. Principiou por examinar a qualidade da terra em que estava aberta a cova, e foi abrir outra em terreno semelhante: calcou-a com um masso, até lhe tornar os lados e o fundo tão rijos e compactos como os da primeira. Esta cova lhe conservou bem a agua, com a unica diminuição da que fazia evaporar o ardor do sol. Para evitar este inconveniente, e impedir que a agua se aquecesse, e corrompesse, cubriu a cova com um tecto de colmo, e assim teve abundancia della durante o estio.

Tal foi a origem das cisternas, a que chamam *poços batidos*, que pelo decurso do tempo teem chegado, no Fayal, a subido gráu de perfeição. Estas cisternas são preferiveis aos antigos depositos feitos de lagedo, ou tijollos, e vedados com betume, os quaes, além de, como dissemos, exigirem grandes despezas, transmittem commummente um sabor desagradavel á agua, quando os poços batidos, afôra serem de mui facil e barata construcção, teem a vantagem de conservarem a agua no melhor estado possivel.

O modo de fazer estas cisternas é o seguinte: abrem uma cova, que tenha no bocal 24 pés de comprido, 12 de largo, e 10 de profundeza: o fundo deve ter de comprido 10, e 5 de largo, de maneira que os lados fiquem em rampa, ou, por outra, que a cisterna fique semelhante a uma masseira, ou alguidar comprido. Se a terra é barrenta, ou por qualquer modo com-

packta, como a terra preta e fina, servem-se della para formar as paredes e fundo da cisterna, e quando é areenta e solta, vão busca-la a outra parte, onde a haja da qualidade necessaria para semelhante mister: cumpre, em todo o caso, que seja ou terra virgem, ou não cultivada muitos tempos antes; e isto para evitar a reproducção dos vermes, que se multiplicam por effeito dos adubos. Começadas a fazer estas paredes, com uma especie de malho ou marrão, feito de seixo grande da praia bem liso, semelhante aos de que se servem os çapateiros para bater sola, e com seu cabo mettido n'um buraco que para isso se lhe faz, vão batendo todo o poço por dentro, até ficar durissimo, na grossura de dois pés. Importa advertir que a terra, destinada para este effeito, ha-de ser escolhida, tirando-se-lhe todas as pedras, por mais miudas que sejam. Concluida esta obra, tomam uns pequenos massos, ou palhetas, como lhe chamam, com os quaes batem de novo a superficie, tanto pelos lados, como pelo fundo, salpicando ao mesmo tempo tudo com uma vassoura molhada, até que venha a ficar liso como uma parede estucada e brunida, ou antes como um vidro.

As proporções, que acima indicámos, são as mais convenientes; porém, sendo o poço bem construido, pôde dar-se-lhe maior comprimento; posto que a largura nunca se ha-de augmentar, para que não diminua a solidez necessaria da obra.

Feita a cisterna deve cubrir-se, ou com abobada, o que é muito caro, e por isso pouco conveniente, ou com um telhado, de telha ou de colmo. No Brasil, onde este genero de areas d'agua está já introduzido, costumam resguarda-las do ardor do sol com tectos cubertos de folhas de palmeira.

O lugar mais proprio para estes poços é juncto das casas, de cujos telhados se possam conduzir as aguas, por via de cannos de folha ou de madeira, para dentro do deposito, que tambem pôde receber a agua que cae no proprio tecto. Por ventura se poderia fazer ao pé um chão batido, e preparado como as paredes da cisterna, no qual caindo a chuva fosse desaguar nella: não nos consta que ácerca deste methodo se tenham feito experiencias; mas, em verdade, parece-nos que se deveriam fazer, e que os resultados seriam satisfactorios. Disto se poderia tirar a vantagem de se construirem os poços batidos em qualquer sitio longe de habitações.

Em qualquer dos casos, porém, é de advertir que as calhas devem sair muito fóra das bordas da cisterna, para que a pancada da agua vá dar no fundo, e não faça esboroar as paredes lateraes.

Para tirar a agua da cisterna deve haver, em uma das cabeceiras, no tapume, parede, ou estacada em que o tecto assenta, uma porta, e nesse topo da cisterna um andaime ou solho sobre traves, com sua varanda engradada para se tirar a agua a baldes ou com bomba. Sendo o tecto de abobada, esta obra é escusada, fazendo-se uma abertura no alto, por onde se possa entrar a concertar ou alimpar o poço, e por onde se metta a bomba, ou desça e suba o balde.

O melhor methodo, porém, em ambos os casos é abrir a distancia de algumas varas uma especie de rampa que vá descendo até o nivel do fundo da cisterna, e que desta venha um cano ou de chumbo, ou de manilhas grossas, conduzir a agua a uma torneira no fim da rampa, onde facilmente se pôde tirar a agua; e tal seria o terreno, em que se construísse o poço batido, v. g. uma leve encosta, que se podesse soltar a agua della para os prados ou veigas visinhas.

Nos dois topos ou cabeceiras da cisterna, devem-se abrir no alto frestas, que estabeleçam uma corrente



de ar, e sirvam ao mesmo tempo de allumiar o interior. Na vizinhança, importa muito que se não plantem arvores, porque as raizes dellas, procurando a frescura, viriam arruinar as paredes. No fundo será bom deitar arêa e cascalho, para que as primeiras aguas caindo em baixo e de grande altura, não o estraguem; e será igualmente proveitoso que haja dentro peixes de agua doce, para limparem a agua dos bichos que costuma crear. Se, apesar de todas as cautellas, o poço se escoar por alguma parte, é mui facil concerta-lo batendo de novo a terra, e tapando com ella [a fenda].

Em ultimo lugar diremos, que cumpre haver grande cuidado em que alguma pessoa não caia nestes poços; porque, em consequencia da inclinação das paredes, ser-lhe-ia mui difficil salvar-se.

Em muitos logares do Brasil e da Europa costumam ajunctar a agua do inverno, em lagóas descobertas, as quaes vem a causar grandes doenças no estio, em que se corrompem as aguas, e exhalam miasmas putridos: os poços batidos do Fayal removem esse inconveniente, dando, além disso, uma agua fresca e verdadeiramente proveitosa para todos os mysteres.

### O Ar.

QUANDO rapidamente agitâmos a mão tendo-a aberta, ou quando corremos com velocidade, experimentâmos na pelle uma sensação, que nos indica a presença d'uma materia subtil; a qual, apesar da sua resistencia, tão facilmente se deixa cortar, que á primeira vista julgariamos que não existe: succede então o mesmo que acontece quando nos movemos n'agua. O nadador, para progredir, é obrigado a deslocar a agua, e esta torna a seu logar apoz elle, passado o impulso. Esta materia subtil, em que, para assim dizer, andâmos mergulhados, chama-se o ar. Muitos affirmam que o ar não tem côr; porém outros dizem que em tempo sereno, limpo de nuvens, quando a vista pôde estender-se pelos ceus, a côr do ar é vizivel nesse formoso azul, que faz crer a muita gente que ha uma abobada immensa por cima de nossas cabeças.

A camada d'ar, que nos cerca por toda a parte, e que chamâmos communmente *atmosphera* não se eleva a mais de 15 a 16 leguas d'altura, e affirmam alguns que não passa de dez leguas. Na *atmosphera* nadam continuamente vapôres, e exhalções de diversas naturezas, salinas, sulphureas, aquosas, terreas &c.: e quantos animaes se lhe não descobrem com o auxilio do microscopio, e até com a simples vista!

Os physicos acharam meio de fazer o vacuo, ou d'extrahir o ar do vaso da *machina pneumatica*, chamado recipiente. Se neste, introduzir-mos uma vela accesa, depois de privada do ar, veremos que logo se apaga; e mettendo-se qualquer animal, em breve exhala a vida, em consequencia da falta do ar indispensavel para a respiração.

Todas as minutissimas particulas de que se compõe o ar tendem continuamente a desviarem-se umas das outras, como se fossem impellidas por molas interpostas entre ellas. Daqui vem a tendencia do ar para penetrar por toda a parte, e para evadir-se em todas as direcções. Observâmos que as castanhas, deitadas no brazido, sem côrte na casca, estouram, porque o ar que encerram, rarefeito pelo calor, tende a evadir-se, e estala a casca, cujos poros mui compactos lhe não dão passagem. Em virtude desta mesma força do ar, a pólvora, inflammando-se n'um tubo, despede o chumbo assassino. O ar finalmente intro-

duz-se em toda a parte, todos os corpos encerram uma porção delle: e da sua elasticidade ninguem duvidará, porque todos sabem que uma bexiga cheia de ar é susceptivel d'uma compressão ás vezes bastante forte.

O ar é transparente, porque não intercepta os raios luminosos: a camada d'ar que separa dois corpos não impede que se vejam um ao outro.

O ar é ponderavel; pôde pezar-se; o que se demonstrou n'uma bola ouca de vidro pezada primeiro cheia d'ar, e segunda vez depois de lh'o extrahirem. No segundo caso achou-se mais leve. Torricelli, discipulo do famoso Galileu, descobriu o peso do ar no meado do seculo 16.<sup>o</sup>, e este descobrimento deu de si a utilissima invenção do barometro, de que alguma vez tractaremos. Como o ar é pesado exercita uma pressão nos corpos que lhe estão sottopostos. Esta pressão sobre toda a superficie do corpo d'um homem de mediana estatura calculou-se n'um peso de 37 mil libras: porém esta massa enorme não pôde esmagar-nos, porque obrando em todos os sentidos compensa-se e destroe-se; e além disso a força elastica do nosso corpo exige precisamente esta resistencia para manter-se em um justo equilibrio. O ar que penetra em o nosso interior pela respiração exercita uma pressão opposta á exterior. Esta pressão é tão necessaria que diminuindo por qualquer motivo nos achâmos incommodados. Subindo-se a certa altura na *atmosphera* ou em ballões ou trepando altissimas montanhas, diminuindo então a intensidade da columna d'ar, a respiração se difficulta, e as forças se esgotam; e se se continuasse a subir, a final o sangue reventaria por todos os poros.

E' tambem por effeito do peso do ar que a agua sobe nas bombas d'embolo. Da mesma causa procede a ascensão dos balões ou aerostatos. Estes constam d'um globo fabricado de ordinario de tafetá bem tapado e encerado, ou tambem de papel; por debaixo do globo está suspensa a barquinha, em que vai a pessoa, que quer dirigir a machina. O balão vai cheio d'um fluido, chamado *gaz hydrogenio*, que é pelo menos sete, oito, e até dez vezes mais leve que o ar, conforme as preparações; de fórma que a machina se sustem sobre as camadas inferiores do ar, e sobe, absolutamente como um corpo mais leve que a porção d'agua que desloca sobe á superficie della depois de o descerem ao fundo. Quando o balão chega a uma região, em que o ar *atmosphero* que desloca se acha precisamente igual ao seu peso, fica em equilibrio. Para descer, o aeronauta larga um pouco de gaz [por meio d'uma valvula]; então o balão perdendo na sua leveza pela diminuição do seu *enchimento* ou volume, desce vagarosamente, sobre tudo quando é dirigido por mão habil. Por meio destas viagens aereas tem a sciencia adquirido conhecimentos acerca da *atmosphera*.

O ar não é um corpo simples, como suppunham quando reinava a doutrina dos quatro elementos. Os chimicos modernos acharam meio de o analysar. Compõe-se de tres principios elementares, chamados *gazes*; o *azote*, que entra em mais de tres quartas partes na composição do ar; o *oxygenio*, que faz pouco menos da quarta parte; e o *gaz acido carbonico* que faz uma centesima parte. O primeiro, o *azote*, é de natureza tão mortifera que, se fosse respirado só, sufocaria subitamente, e contudo entra por 78 partes sobre 100 no ar, que respirâmos. O segundo, o *oxygenio*, entra com 21 partes em 100; mas seria [para assim dizer] respiravel de mais, consumiria cedo a nossa existencia. O terceiro, emfim, serve, de algum modo, de ligar os outros dois; e estes principios, reunidos nas proporções, que indicâmos, compoem um ar



puro, meio que conserva e mantém a vida dos animaes, que nos transmite os sons, os cheiros, e a luz, que dá á terra a sua fertilidade, e que produz as variações da temperatura.

Em um proximo artigo tractaremos dos sons.

#### RELOGIOS ADMIRAVEIS.

HA pouco que fallando na celebre cathedral de Strasburgo tivemos occasião de fallar do maravilhoso relogio que marcava todas as divisões dos tempos e os movimentos celestes. Esta machina artificiosa arruinou-se brevemente; mas depois della appareceram algumas do mesmo genero, não menos admiraveis. Entre outras são dignas de especial menção as tres que vamos citar.

Um relojoeiro genabrino chamado Droz construiu pelos fins do seculo passado um relogio, cujas propriedades eram quasi milagrosas. Se havemos de crer a relação que delle corre, este relogio executava os espantosos movimentos que vamos descrever. Via-se nelle um preto, um pastor e um cão: quando o relogio dava horas o pastor tocava seis vezes a sua frauta, e o cão se aproximava, fazendo-lhe festa. Apresentando este relogio a elrei de Hespanha, que ficou mui satisfeito com elle, Mr. Droz lhe disse: "A affabilidade do meu cão não é o maior merecimento, que tem. Se V. M. quizer tocar n'algum dos pomos que estão dentro do cesto, que elle tem ao pé de si, verá quão grande é a sua fidelidade." Elrei assim o fez, e o cão lhe avançou á mão, ladrando tão alto, que um cão natural, que estava no aposento, começou tambem a ladrar. Vendo isto alguns cortesãos, e crendo que andava aqui bruxaria, entraram a benzer-se, e fugiram da salla. Ficou o ministro da marinha, e a este pediu Mr. Droz perguntasse ao preto que horas eram: assim o fez o ministro; mas não

teve resposta. Disse-lhe então o machinista, que isto provinha de o preto não entender hespanhol; pelo que o ministro repetiu a pergunta em francez, respondendo-lhe immediatamente o preto. Semelhante prodigio por tal modo o espantou, que, tambem saiu d'alli apressadamente, jurando que isto não podia deixar de ser obra diabolica.

Não menos dignos de lembrarem são dois relogios que ha annos se fizeram em Inglaterra, para serem mandados de presente ao imperador da China. Eram ambos do feitio de um carrinho, onde ia sentada uma mulher com a mão encostada n'um dos lados delle, e deste lado apparecia um relogio de curioso trabalho e do tamanho de uma moeda de seis vintens, o qual era de repetição e tinha corda para oito dias. Em um dos dedos da mulher estava pousada uma ave-sinha, com as azas abertas como para voar, e effectivamente esvoaçava logo que lhe tocavam. O corpo da ave teria  $\frac{1}{16}$  avos de pollegada. A mulher tinha na mão um tubo, como um alfinetê grosso, em cujo topo havia uma caixinha redonda do tamanho de meio-tostão, e com um ornato circular, que dava um giro completo e regular em tres horas. Por cima da cabeça tinha uma especie de umbrella, sustentada por uma columnasinha da grossura de uma penna, e desta umbrella pendia uma campainha, que parecia nenhuma communicação ter com o pequeno relogio, mas que repetia as horas em se tocando em certo diamante que neste havia: — na ponta da lança do carrinho estavam pregadas em duas molas de fórma espiral duas aves, que pareciam voar com elle. O carrinho era por tal modo arranjado que com effecto rodava para onde se queria, ou em volta ou em linha recta: na trazeira ia a figura de um rapaz que parecia empurra-lo para diante. Toda esta machina delicadissima era de ouro adornada com pedras preciosas, e lavrada de delicadissimos labores.



VISTA DE BOMBAIM.

BOMBAIM na sua origem compunha-se de um grupo d'ilhotas cubertas de numerosos pantanos, onde cres-

cia mui densa vegetação, e que as aguas do mar inundavam e despejavam alternativamente. Esta situação



era tão doentia, que ninguém reputava que os colonos podessem durar allí mais de tres annos: ainda hoje o clima é pouco sadio, principalmente na estação chuvosa.

A ilha de Bombaim está sendo o principal estabelecimento que os inglezes possuem na costa occidental da India, e com os ilheus visinhos fórma um dos mais bellos portos dos mares indianos. O seu pharol, na altura de 150 pés sobre o mar, avista-se em distancia de seis a sete leguas: a capital da ilha é cercada de vastas fortificações. A parte chamada cidade nova está construída n'um terreno plano e pantanoso, tão baixo que muitas das casas ficam ao nivel da preamar, e na estação das monções a comunicação de umas para outras se faz em barcos; pelo que durante alguns mezes a saúde dos moradores experimenta os damnosos effeitos das inundações. N'outro tempo a parte, que hoje é a esplanada, era toda plantada de coqueiros; porém agora está despida d'arvoredo desde a extremidade mais alta da ilha até Dunganie, bairro grande, habitado só pela população indigena. A fortaleza é mui regular, e assaz fortificada, principalmente da banda do porto; mas não tanto da banda da terra, por onde o inimigo que conseguisse desembarcar não acharia muita resistencia, pondo-lhe um sitio conforme as regras militares. O mar a banha por tres faces, e a quarta deita para a esplanada.

O terreno de Bombaim é esteril; nada offerece que regozije a vista de um agricultor; mas como ponto commercial é uma praça de grandissima importancia. Nenhum estabelecimento europeu na India possui tão excellentes estaleiros para construcção; e deste porto tem saído grande numero de vasos de guerra de alto bordo, assim como os maiores navios da companhia das Indias. Nos dez annos anteriores a 1837 construíram-se allí doze náus de 74, e uma infinidade de navios mercantes do porte de fragatas. As madeiras necessarias extraem-se das montanhas da provincia de Aromgabá, e transportam-se facilmente pelos muitos rios que descem das mesmas. As embarcações feitas da madeira chamada teca são superiores em duração a todas as outras, mas affirmam que são menos veleiras: as que saem dos estaleiros de Bombaim gozam da reputação de serem as melhores, que se constroem fóra da Europa; e por isso se avaliam em mais alto preço do que as que se deitam ao mar nos outros portos do oriente [\*].

Os parsios são quasi exclusivamente os constructores navaes; e teem fama neste ramo. O numero das familias desta seita é mui grande em Bombaim; e tanto a este respeito, como da sua religião, e costumes póde o curioso consultar o que escrevemos em o N.º 29 a pag. 229 do vol. 1.º do Panorama.

Bombaim deveu a sua primeira importancia a nós os portuguezes, que desde 1530 a possuímos por mais d'um seculo, até que em 1662 foi dada em dote, assim como Tangere na Africa, á infanta D. Catharina, quando casou com Carlos 2.º d'Inglaterra.

Pela sua posição esta praça é o centro d'um commercio dilatado com os diversos paizes, que guarnecem as costas do golpho persico, e do mar d'Arabia, assim com as costas occidental e oriental da India, e sobre tudo com a China, para onde exporta annualmente porções mui consideraveis de algodão. Os outros artigos de exportação são o páu de sandalo, as pérolas, a gomma que fornecem a Arabia, a Abyssinia, e a Persia; a pimenta do Malabar; os ninhos d'aves, de que os orientaes são gulosos, procedentes

das ilhas Maldivas; e os dentes d'elephante de Cambaya. Os navios da China chegam geralmente a Bombaim pelo fim de Junho, ou começo de Julho, e occupam-se em desembarcar, e em tomar nova carga, até Dezembro, ou Janeiro. Tambem existem muitas relações commerciaes com a Europa, e varios pontos da America. As fazendas levadas da Europa são pela maior parte estofos e telas, vinho, e outros generos de consumo domestico.

Nas cercanias de Bombaim existem os famosos templos subterraneos, de que demos larga noticia em o nosso N.º 10.

*Memorias do Buçaco por A. P. Forjaz de Sampaio.*  
— Coimbra 1838 — 1.º vol. em 16.º —

VAE este seculo tão tempestuoso e negro de odãos e paixões politicas, que o encontrar um livro que falle de paz, de amor, e de Deus, é como um despertar de longo pesadello nocturno: é como o viver o primeiro dia de primavera, depois de inverno aspero e tristonho. Um tal livro será sempre bem acceito aos que não assignaram ainda, com o proprio sangue, escripto de perdição eterna ao demonio revoltoso e inquieto da politica; fosse embora esse livro pobre de poesia, pobre de philosophia, pobre de tudo, seria lido e louvado, porque a sua idéa primeira era rica; era generosa e humana. Mas quando elle vem adornado de galas e primores taes como os das *Memorias do Buçaco*, que coração bom e honesto, e crente em Deus, não ficará sendo amigo do auctor e do seu

*Ami plus qu'un ami: frere de sang et d'ame,*

o Sr. J. de Serpa Freire, que o ajudou a erguer este monumentosinho de poesia e saudade?—Nenhum; e o que poder deixar de o ser, atire-se ao mundo politico: porque a bondade, a honestidade, e a crença são nelle frouxas: a sua vocação mentida: e neste seculo de próva é preciso que a vocação para o bem seja verdadeira; e a fé é a virtude robustas.

Não daremos idéa da obra; porque muitos se contentam só de conhecer os livros pelos periodicos; e nós queremos que as *Memorias do Buçaco* sejam lidas; porque a sua leitura, além de deleitosa, será de proveito a muitos.

De consolação nos foi encontrar ainda dois homens nossos irmãos na communhão de idéas:—mais dois conspiradores contra as ridiculas philosophias da mosa epocha: e maior gosto nos causou o saber que estes novos soldados de uma causa sancta, estão ainda nos dias da juventude, que para nós vão no occaso. A muitas batalhas assistirão elles; muitos odios e escarneos terão de affrontar; mas confiem nos vindouros: esperem as bençãos do futuro; e riam-se das maldições do presente.

O Sr. J. Freire de Serpa é um poeta; atravez das imperfeições lá se enxerga nos seus versos o genio; a idade fortificará este, e desfará aquellas. A religião terá nelle um cantor digno da alteza do objecto; e nós confiamos que o tempo comprovará a prophacia que ora fazemos: Parece que nesta epocha, em que nada se possui com segurança, senão o engenho, é só ao engenho que Deus pede oblações; porque estas são nossas, e ninguém no-las póde vir arrancar das mãos no momento do sacrificio. Guarde, pois, para Deus seu engenho o nosso Lamartine futuro.

*Publicações portuguezas do seculo 16.º, comparadas com as do seculo actual.*—O numero de exemplares que se tira de qualquer obra publicada hoje, varia

(\*) Dizem que em a nossa praça de Damão temos eguaes madeiras, e proporções para as construcções navaes, com a vantagem de jornaes baratissimos. Quando tenhamos fundos para crear e manter uma respeitavel marinha, não deveremos desperdiçar este recurso.



de 500 a 800: só obras elementares ou de auctores muito acreditados se imprimem a 1000 ou 1500 exemplares. No prologo, porém, do volume intitulado — *Cartas que os P. P. e I. I. da Companhia de Jesus, que andam no Japão escreveram aos da mesma Companhia da India e Europa, desde o anno de 1549 até o de 66*, impresso em Coimbra em 1570, se lê que dellas se imprimiram sómente mil livros, por serem dados de graça; o que parece provar que esta era uma porção de exemplares das mais diminutas, que naquelle tempo se costumava tirar de qualquer obra.

#### DESTRUIÇÃO D'AURIA.

[Continuado de pag. 223].

#### II

HAVIA tres dias que os mouros estavam acampados diante d'Auria, quando Affonso e os seus soldados impacientes saíram ao campo. — As portas se fecharam atraz delles — Ei-los travados com o inimigo!

Nunca tão riço encontro tinham experimentado os invasores. Mortal vingança guiava as espadas dos godos, e largo tempo o conflicto não parecia mais do que uma ceifa de vidas e membros de mouros. Os infieis iam fugindo diante dos christãos, por tal modo, que parecia os tomavam pelo feroz Eblis, e pelos demonios seus companheiros, vindos á voz do propheta a castiga-los de haverem por tres dias demorado o assalto. Os mil de Auria cortavam nos mouros com um furor incansavel, offerecendo assim repetidas hecatombas ás cinzas dos compatricios assassinados. Nenhum delles estava ainda ferido; mas o inimigo já os estreitava. Affonso fez reunir aquelle punhado de heroes. Os mouros tinham voltado sobre elles com todo o seu poder, e começavam a fazer nos godos uma terrivel matança: — na volta para a cidade quatrocentos delles caíram mortos; mas ressoaram em Auria as orações e as graças ao ceu, quando os seiscentos voltaram com o seu capitão.

Acabaram as demoras no exercito dos exasperados invasores. Nem descanso nem piedade deviam esperar já os godos. Diariamente elles illudiam as esperanças dos mouros, posto que mesmo as solemnes horas da noite [a noite por quem tantas vezes suspiram os desgraçados] — as horas do desejado descanso não lhes traziam repouso; mas pelo contrario os allahs dos moslems, e o retinir dos alfanges e o estrepito dos furiosos agarenos, subindo a alguma nova brecha, e caindo despenhados della, e os gritos d'applauso dos christãos — eram os sons que despertavam os echos nocturnos da cidade silenciosa, e que não cessavam desde o anoitecer até o despontar da manhã.

Um choro lamentavel se ouvia em Auria — tal como nunca se tinha ouvido — e gemidos d'intima afflicção ressoavam em toda a cidade como se fosse uma voz unica. — *A fome tinha chegado.* — Os velhos e os principaes do povo se reuniram em conselho, e a incerteza fazia bater insupportavelmente todos os corações; mas ninguem se lembrava de ceder ao odioso conquistador. Levantou-se então um velho para falar: o seu porte era magestoso; a sua frente a de um propheta; mas a espada lhe pendia da cinta. Tinha a cabeça descuberta, e os longos, raros e alvos cabellos lhe caíam sobre os hombros; porém sua voz, forte e clara, não estava ainda sumida pela idade, nem pelas desditas.

“ Não cedamos, principiou elle, não cedamos! Talvez Deus nos envie soccorro.” O velho olhou para a multidão esfaimada que o rodeava, e ergueu os olhos ao ceu; mas recolhendo em si toda a sua energia tor-

nou a romper o silencio: “ Qual d'entre nós não tem encarado cem vezes a morte? qual de nós a temerá agora? por mim estou resolvido: — sou velho — assaz velho — de mais tenho eu vivido! — não mais tornarei a provar o pão que diariamente recebo: eu o cedo aos homens moços e robustos: muitos outros de bom grado farão o mesmo. Este é pois o meu conselho: em Auria ha sustento para nove dias, ainda sendo repartido por todos: divide-se o povo em duas partes; metade deffenderá a cidade por dezoito dias destes impios africanos, e talvez durante esse tempo sejam soccorridos; a outra metade juncte-se comigo, retiremo-nos para o lado occidental da cidade, e morramos ás mãos da fome: isto não é mais do que receber dez dias antes a corda do martyrio: ou, se a alguém antes isso convier, saia ao inimigo para morrer ou salvar-se podendo nas montanhas visinhas.” — Calou-se o velho e desapareceu. Tudo ficou sepultado n'um silencio semelhante ao da morte.

A's vezes sente-se um ruido soturno e subterraneo, que precede e annuncia o proximo terremoto: assim d'abi a pouco principiou um murmurio de vozes confuzas entre a multidão: — depois, palavras mais altas, mas inintelligiveis: — rapidamente cresceu o borborinho com altas expressões d'angustia, posto que a espaços um terrivel silencio prendia todos os labios.

Então retumbou nos baluartes. “ Mouros! Mouros! foge foge!” O tropel que estava reunido gelou. Todos arrancaram das espadas e ficaram immoveis porque era inutil fugir. Os despiedados infieis tinham levado a melhora. O seu campo havia estreitado os muros e podido romper para dentro. — Auria estava perdida.

Era pelo fim da tarde, e o sol se mergulhou nas trevas; mas toda a noite os indomaveis godos sustentaram a lide. — A cada instante se rareavam as suas fileiras, e a cada instante dobrava a firmesa nelles. Ao romper do dia é que viram com espanto a que numero estavam reduzidos. Como a seara madura, que espera pela fouce do segador, assim elles foram ceifados: — uns ao pé dos outros caíram até não restar um só que brandisse o ferro contra o seu destruidor.

Affonso, com vinte dos seus fieis soldados, se tinha retirado furioso da desigual peleja. — E onde estava Elfrida? A torre em que a devia encontrar era já meia por terra, e correndo para lá, vio que um grande numero das suas compatriotas se tinham retirado para alli como para um logar de refugio, onde seus irmãos e seus paes as defendiam ainda dos barbaros com a ferocidade de leões, aguilhoados pelo delirio da desesperação, que gerava nelles um valor mais que humano.

Affonso e os seus passaram a toda a brida a travez das fileiras inimigas, e fazendo o ultimo esforço chegaram á torre. A phalange dos godos se abriu para os receber, e deu um grito de frenetica alegria vendo ainda vivo o seu capitão. Elfrida alli se achava, e a promessa que fizera estava cumprida. O guerreiro pregou nella os olhos lampejantes, mas sem se lhe ouvir uma palavra. — Voltou o seu cavallo, cuberto de escuma e de sangue, e que corria ávante furioso. — “ Agora, Santiago! — clamou elle: estes pagãos maldictos de Deus não ganharão uma facil victoria.” — Logo que os mussulmanos o viram, — reconheceram-no pelas plumas do elmo, e por aquella espada cortadora que tinham experimentado no combate em frente de Auria pela primeira vez, e que desde este dia sanguinoso lhes era familiar, encontrando-a em todas as brechas e entre as primeiras que dellas os rechagavam. Até aquelle momento os audazes godos, que pelejavam mais como demonios, do que como ho-



mens, os haviam entretido á entrada do baluarte; mas depois que os infieis o viram retiraram-se precipitadamente. Era esta a crise, e Affonso, vendo que muitos dos seus compatriotas perseguiram os fugitivos levando-os diante de si, aproveitou a occasião. Voltou apressadamente á torre, com outros que o acompanhavam, e antes de meia hora Elfrida estava fóra de Auria, as chammas de cujos palacios subiam já ao ceu, e a seu lado caminhava Affonso com doze homens, que lhe restavam.

Tres dias de indistincta matança — tres dias de fogo devorador, e Auria estava reduzida a pó. Cada habitação era um sepulchro, as ruinas fumegantes de cada palacio eram um monumento da morte, e cada torre dentro dos seus muros vacilantes era uma vasta catacumba cheia de humanos cadaveres.

Seguindo sempre ávante, Affonso voltou os olhos para a cidade vencida. As bandeiras tremulantes dos agarenos se descubriam em distancia, e as armas lampejavam com os raios do sol. — Elle era perseguido. — Ainda aquelles barbaros não haviam saciado a sua sede de sangue christão, e o deixar escapar uma victima era generosidade que elles não conheciam; pelo contrario a estes sectarios de uma religião cruel a compaixão parecia uma impiedade. Anciosamente perseguiram os fugitivos seu caminho por uma planície cuberta só de ruinas. Elles fugiam para o norte; mas os mouros os alcançaram com a rapidez de um turbilhão. Estavam ainda proximos de Auria, e o cavallo em que ía Elfrida tropeçou n'um elmo quebrado e caiu. Acontecimento fatal! Affonso gritou aos seus "volta, volta: façamos-lhes frente!" Mas apenas tinham ajudado Elfrida a cavalgar outra vez, e íam obedecer á voz do seu capitão, já os seus perseguidores eram de involta com elles. Não ouve um momento para deliberar; a multidão dos mouros cercava os heroes, e a batalha não podia durar muito entre os combatentes. Cuberto de feridas, que jorravam sangue, Affonso caiu, e Elfrida, vendo isto, se arremessou tambem por terra: seu desejo era morrer; porém no meio do tumulto não ouve uma propicia mão que a ferisse, nem um cavallo furioso que debaixo dos pés a calcasse. Em menos de uma hora ella se achava captiva nas tendas de Islam.

Um godo desleal, que havia abjurado a cruz, era o guarda das captivas. Não era Elfrida a unica d'entre os christãos que alli se achava: — mais tres filhas d'Auria estavam com ella. Durante muitos dias foi esse miseravel godo o unico ser humano que viram: entre um povo estranho cuja lingua não entendiam o ve-lo se tinha tornado n'uma especie de consolo, e anciosas esperavam sempre a hora periodica em que devia voltar. Era elle o unico interprete das ordens de seus senhores, e só abria a bocca para lh'as comunicar. Ainda assim folgavam ao sentir-lhe passos; e a voz d'um renegado era grata a seus ouvidos por que exprimia os sons da cara linguagem materna. Só ellas tinham escapado ao exterminio geral; e guardada lhes estava a escolha entre a apostasia e a morte. Comtudo a sua prisão não era dura; e só se podiam chamar captivas pelo estricto cuidado que havia em lhes impedir a fuga. Todas ellas eram moças, todas bellas, todas orphaãs: paes, mães, parentes, amantes, amigos, todos a seus olhos foram mortos; e ellas, oh abysmo de ignominia!, só tinham sido salvas para saciar os desejos de algum dos barbaros conquistadores. Breve chegou o instante em que era preciso escolher ou a conservação de uma vida eternamente opprobriosa ou a morte com fama immorttal. Trazendo esta horrivel mensagem, as faces descarnadas do velho godo estavam pallidas como de susto: "morrei! ou abandonai a fé do crucificado!"

—Foi com voz tremula que elle disse isto. As captivas não sentiam um terror semelhante ao seu: sem demora, sem o amor da vida as fazer contender sobre qual seria a primeira, olhando para o apostata, com amargo desprêzo, escolheram a morte, e uma a uma foram conduzidas ao supplicio. Chegou a vez d'Elfrida que para lá se encaminhou pensativa, mas firme. De repente, voltando-se, perguntou ao godo com voz tranquilla: — "póde acaso ser-me dado tempo para escolher?" — Depressa levou elle recado a seus senhores, e depressa voltou com a resposta: "tendes doze horas: — no fim dellas, dareis forçosamente a decisão." — E muitos mussulmanos deslumbrados pela sua formosura seguiram com os olhos a captiva, que semelhava uma rainha no meio dos guardas que a levavam á sua prisão.

(Continuar-se-ha).

#### IGNORANCIA E SUPERSTIÇÃO DOS ETHIOPEES.

DESCONHECEM os ethiopes a historia das ruinas: a imaginação lhes affigura a mansão predilecta das fadas e dos genios, quando em sitio ameno e aprazivel; e dos espiritos maleficos, quando o seu aspecto é tristonho e horrido. A cubica d'aquelles povos vedalhes o descobrirem nas excavações subterraneas outras riquezas que não sejam os thesouros que suppoem alli escondidos. O sabio europeu, aquelle que deixou a vida tranquilla e jucunda da patria, para vir procurar entre as fadigas e as privações do deserto, algumas paginas perdidas dos annaes do genero humano, é por elles reputado o magico das mil e uma noites.

Um ethiope, na ilha d'Argo, perguntava a M. Hoskins, douto viajante inglez, se estava satisfeito com os thesouros que achára na sua viagem; depois, dirigindo-se aos arabes que o escortavam narrou-lhes "que tendo certo dia acompanhado alguns inglezes ás ruinas de Denderá, estes descobriram um thesouro riquissimo; porém o diabo, apparecendo-lhes de repente, declarou-lhes que o não levariam em quanto lhe não fizessem a offerta d'um bom melão para refrescar-se. O contracto era vantajoso, mas os inglezes viram-se em aperto, porque as ruinas de Denderá não produzem melões. Pediram por tanto ao diabo, houvesse por bem aceitar um presente d'outra qualidade. O demo que fazia gosto em comer melão embirroou os pés á parede, e os inglezes que estavam enamorados do thesouro, mandaram um dos seus creados a Kenné, com ordem de comprar o mais fagga-nhoso melão, que lá houvesse: acharam um de enorme grandeza, que logo offereceram ao diabo. No mesmo instante caiu sobre os inglezes uma chuva d'ouro tão copiosa, que se viram obrigados a lançar mão d'um batel para transportarem o thesouro para o Egypto." O ethiope contava esta fabula como um homem persuadido do que narra, e affirmava pelas proprias barbas, e pelo nome sagrado do propheta, ser verdade quanto dizia.

#### EXEMPLOS DE EXTRAORDINARIA VORACIDADE.

Os povos da Asia septentrional gozam na verdade, de um desfastio tal, que o terão por inerivel todas as pessoas que não os houverem visto comer. Certo viã-jante viu em Tabalak um exemplo notavel do desfastio de uma creança, que, segundo lhe disseram, ainda não tinha cinco annos. Esta creança corria ao redor do quarto, para apanhar e comer os pingos de cebo, que caíam das vellas. Espantado de tão destem-



perado gosto, perguntei se isto provinha de fome, ou de gostar o rapaz extraordinariamente de gordura. Nem uma, nem outra cousa é, lhe responderam; mas sabei que os siberios comem todos os alimentos que topam, e não ha, para elles, deixar perder cousa que se possa engolir. — Deram então ao moço comilão uma vella de cebo mais immundo que acharam; e depois outra e outra, e o rapaz comeu tudo. Offereceram-lhe immediataemnte uns poucos de arrateis de manteiga gelada, e um grande pedaço de sabão amarello, o que tudo comeu sem cerimonia. Entenderam, que, se lhe continuassem a dar outras cousas, elle tambem daria pontualmente conta de tudo; e portanto abstiveram-se disso.

“O que vou acrescentar ácerca da voracidade dos homens, diz o mesmo viajante, ainda parecerá mais incrível. Nenhum alimento, por mais asqueroso que seja, lhes faz asco. Siberio, só deixa de comer quando não acha que. Mais de uma vez vi homens destes comerem quarenta libras de carne n'um dia. Aquelles estomagos forçosamente são differentes dos nossos; aliás ser-lhes-ia impossivel engulir de uma assentada uma malga de caldo ou de chá, em tal gráu de calor, que se qualquer de nós o fizesse, ficava com as entranhas assadas. Vi tres destes comilões, comer uma *renna* [\*] inteira. Uma colonia siberica não poderia viver no occidente da Europa: só um individuo della comeria tanto, como toda uma familia de Europeus.

O almirante Saritcheff conta que os tonguzes, que o acompanharam na sua viagem á Siberia, quando acampavam, em vez de dormirem, passavam toda a noite a comer. Tinha-se-lhes triplicado e quadruplicado a ração regular de um soldado russo, e apesar disso queixavam-se de que os matavam á fome. Foram dizer ao almirante, que um delles comia por costume, todos os dias, um quarto de boi, e vinte libras de gordura, e bebia uma quantidade proporcional de manteiga derretida. Desejoso de apurar este facto mandou chamar o homem, e deu-lhe uma potagem de arroz, cosido com tres libras de manteiga; vindo assomar tudo vinte libras de peso. Tinha o homem já almoçado; mas sem a menor demora engoliu a potagem, com grande avidéz, e nem por isso sentiu incommodo. No outro dia, mostrou que não se lhe daria, que houvesse repetição de scena.

Estes povos comem tambem abrutadamente grande quantidade de peixe gelado e cru. O viajante que já citámos, diz que, embora o não acreditem, o tal peixe gelado é uma das comidas mais saborosas que ha. Segundo elle assevera, é deliciosissima cousa sentir desfazer-se na bocca este peixe gelado: os melhores nevados, diz elle, não teem comparação com isto.

Não ha cousa de que os homens sejam tão liberaes como de conselhos, ainda que lhes não sobeje a capacidade para os darem: nasce isto de lhes parecer que assim dão provas da sua influencia, importancia, e merito. — *Young*.

Annos  
de  
J. C.

SEMANARIO HISTORICO.

Julho 15

1815 — Napoleão vae entregar-se aos inglezes, a bordo do Belorophonte, depois de perdida a batalha de Waterloo.

16

622 — Deste dia, em que o embusteiro Mafoma teve que fugir de Meca, começam os mussulmanos a contar a sua era, a que chamam He-

(\*) Especie de veado do norte,

gira, de uma palavra arabica, que significa fuga.

1184 — Desbarata elrei D. Affonso Henriques os mouros, que tinham cercado em Santarem o principe D. Sancho.

1590 — Morre em Vianna o veneravel arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.

1647 — É assassinado em Napoles o famoso Thomaz Aniello, mais conhecido pelo nome de Masaniello. Delle teremos de futuro occasião de fallar.

17

1579 — Ha quem diga que neste dia morrera Luiz de Camões.

18

1374 — Morte do celebre Petrarcha.

1697 — Fallece na Bahia o P. Antonio Vieira, contando noventa annos de idade.

19

64 — Nero, por divertir-se, manda lançar fogo por differentes partes á cidade de Roma.

1717 — Uma armada portugueza de quatorze vellas, ajudada por outra esquadra veneziana derrota a armada turca nas aguas de Matapan no Mediterraneo.

20

1620 — Os protestantes são assassinados pelos catholicos em Valteline, na Suissa.

21

1704 — Os inglezes tomam Gibraltar aos hespanhoes.

1798 — Os francezes marcham contra a cidade do Cairo, e ganham a batalha, chamada das pyramides.

*Desejando a Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis que todos os seus esforços tendam sempre ao progresso nacional, resolveu-se a empregar na impressão do Panorama papel fabricado em Portugal.*

*Para isto examinou amostras de differentes fabricas, e escolhendo entre estas a da Lousaã, que julgou o produzira de melhor qualidade, propoz condições para que de futuro haja de melhorar-se ainda o que hoje apresenta, e que já é mui superior ao demais papel fabricado no nosso paiz.*

*Calculos mesquinhos de economia não entraram nesta preferencia dada a um producto da industria portugueza: o custo deste papel é igual ao preço porque se compra em Londres esse em que até agora se publicava o Panorama: mas a Direcção julgou que melhor satisfaria aos fins da Sociedade preferindo (dada a egualdade dos preços) o producto da industria portugueza ao da industria estrangeira.*

*A Direcção conta que a resolução que tomou será approvada por todos os assignantes do Panorama, os quaes ella suppõe animados do mais sincero desejo de verem progredir a civilisação e os melhoramentos no seu paiz.*

*A avultada porção de papel, que a Sociedade consume, e que brevemente deve augmentar, animará o habil fabricante, que de ora ávante lh'o ha de ministrar, a trabalhar no aperfeçoamento delle: de modo que o papel portuguez venha algum dia, a competir com o que se fabrica em França e em Inglaterra.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.